

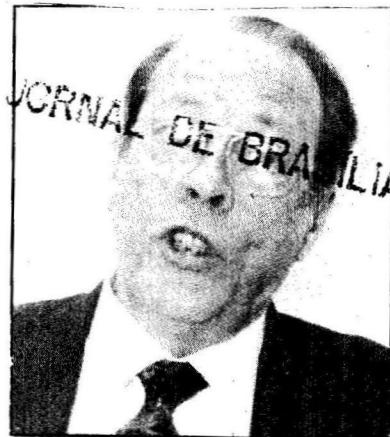
Saúde apura causa da morte de seis bebês no HRAS

DF - Saúde

24 MAR 1993
Edson Gê

A morte de seis recém-nascidos, entre os dias 15 e 21 de março, no Hospital Regional da Asa Sul (HRAS), constatada pelo Jornal de Brasília, nos prontuários da instituição, preocupa o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna. Ele lembrou que o número de óbitos e suas respectivas causas só serão confirmadas amanhã, com a entrega do relatório elaborado pela comissão especial de controle de infecções hospitalares, criada na última sexta-feira, para averiguar a situação do HRAS, superlotado há 40 dias em função da interrupção de parte das atividades do Hospital Regional de Taguatinga (HRT).

O secretário adiantou que os problemas de superlotação não implicam necessariamente no aumento dos riscos de infecção hospitalar. "A questão é que o HRAS é um hospital de retaguarda. Ele recebe todos os casos de gravidez e recém-nascidos de alto risco e essas crianças têm a saúde muito vulnerável", explica o secretário, lembrando que só poderá constatar possíveis negligências no controle de infecções hospitalares e sua relação com os



Santana espera relatório

recentes óbitos no HRAS, depois da entrega do relatório da comissão especial. "Antes disso, eu não tenho provas oficiais nem do número real de mortes", completa Sant'Anna.

Preocupado com a superlotação nos hospitais da Asa Sul e de Ceilândia, o secretário de Saúde participou ontem, de uma reunião com todos os chefes das unidades de ginecologia e obstetrícia dos hospitais da rede pública para discutir possíveis soluções para o ca-

so. "Como as maternidades foram as áreas mais atingidas com a interrupção das atividades do HRT, que atendia uma média de 40 partos por dia, resolvemos montar um sistema de triagem entre todos os hospitais", explica Sant'Anna, lembrando que a partir de hoje só serão encaminhados para o HRAS os casos impossíveis de serem解决ados no Gama, em Sobradinho, no Hospital Universitário e no da Asa Norte. "Todos eles estavam funcionando abaixo de seu limite", completa.

Leitos — O Anuário Estatístico do IBGE, divulgado ontem, situa o número de leitos hospitalares de Brasília 50% abaixo da média (5 leitos para cada 1000 habitantes) considerado ideal pela Organização Mundial de Saúde (OMS). "A questão não é o número de leitos. Se a população tem um nível de saúde elevado se torna desnecessário um número grande de leitos. O problema não é apenas de quantidade e sim de qualidade", afirma Sant'Anna, ressaltando que os níveis de contaminação e de mortalidade da Capital Federal podem ser comparados aos do primeiro mundo.